

BOLETIM SINDICAL

GESTÃO ADUENF AUTÔNOMA E DE LUTA



ANO 6 – NÚMERO 34 – 01/05/26



1º de maio

É DIA DE LUTA!

O Dia do Trabalhador nunca foi apenas uma data no calendário. Ele carrega o peso da história, das lutas e das conquistas arrancadas com organização, coragem e enfrentamento. Impõe-se não como celebração, mas como um chamado à consciência coletiva de que nenhum direito foi conquistado sem luta.

Nesta 5ª Feijoada do Trabalhador, a ADUENF convida a categoria a fortalecer laços e reafirmar sua identidade coletiva. Acima de qualquer comemoração, o 1º de Maio deste ano é um marco de mobilização. Desde o dia 31 de outubro de 2025, os docentes da UENF estão em estado de greve. A recomposição salarial prometida foi ignorada por quem entrou para a história pela porta dos fundos.

Soma-se a isso a urgente necessidade de aprovação do novo Plano de Cargos e Vencimentos (PCV), enquanto servidores convivem com uma realidade inaceitável: salários que, em alguns casos, sequer alcançam o salário mínimo.

Diante do silêncio dos governantes e da ausência de firmeza da Reitoria em assumir essa luta como institucional, resta à categoria aquilo que sempre foi instrumento legítimo da classe trabalhadora: a greve. Os servidores da UERJ já demonstraram que, quando os direitos são negligenciados, a paralisação é um caminho inevitável.

O projeto de universidade sonhado e construído por Leonel Brizola e Darcy Ribeiro coloca o trabalhador em primeiro lugar. Mais do que estrutura física, a UENF é feita de muito esforço de quem a ela se dedica — dedicação exclusiva, no caso dos docentes. Que este 1º de Maio seja vivido com união, memória e disposição para lutar. Celebrar, sim — mas sem esquecer que cada avanço depende da nossa capacidade de organização e pressão. Que este dia reforce a convicção de que nenhum direito virá sem mobilização. Que cada docente compreenda seu papel neste momento histórico. A ADUENF continuará cumprindo seu papel, sendo luta e resistência.

Chega de perder, é hora de ganhar!





Cansados de esperar e de perder direitos, os docentes da UERJ decidiram entrar em greve no dia 25 de março. Muitas reivindicações coincidem com as dos docentes da UENF

DOCENTES DA UERJ EM GREVE

Categoria decide pela paralisação e já caminha para conquistas

Em greve desde o dia 25 de março, os docentes da UERJ caminham unidos num movimento que já apresenta sinais concretos de avanço. A maioria de suas reivindicações coincide com as dos docentes da UENF. A paralisação é resultado de uma defasagem salarial acumulada e perdas inflacionárias que ultrapassam 110% desde 2021 — ano do último reajuste linear da categoria —, além dos impactos negativos deixados pelos dois Regimes de Recuperação Fiscal (RRF).

“De 2017 a 2026, nós tivemos perdas na casa dos 30%, sendo duas parcelas da Lei 9.436/21 mais os IPCAs de 2023, 2024 e 2025, o que reduziu muito o valor de compra de nossos salários; além da lei que retirou os triênios dos novos servidores, que ingressaram na UERJ a partir de 1º de janeiro de 2022”, observa o presidente da Associação dos Docentes da UERJ (ASDUERJ), Gregory Costa. A categoria também reivindica o reajuste do auxílio-refeição e que os triênios passem a incidir sobre o novo vencimento, e não sobre o antigo — distorção que aprofunda ainda mais a defasagem salarial.

Segundo Gregory, o cenário atual já impacta diretamente a própria natureza e função social da universidade. A UERJ passa a ser vista cada vez mais como um espaço de passagem — uma porta de entrada no serviço público antes da migração para carreiras com melhor remuneração. “Isso tem causado uma evasão de docentes sem precedentes. Todos esses fatores acumulados levaram à greve, que já começou com adesão alta e foi crescendo”.

Como resultado da mobilização, os docentes já se reuniram com o governador em exercício, Ricardo Couto, que indicou a possibilidade de honrar as duas parcelas da recomposição salarial não pagas na gestão de Cláudio Castro. Também há sinalização de aumento no valor do auxílio-alimentação. “As negociações estão avançando rapidamente. Esperamos, a partir de maio, ter avanços suficientes na negociação e ter a maior parte das nossas reivindicações contempladas pelo governo. Acredito que teremos uma greve vitoriosa, com conquistas importantes”, comenta o presidente da ASDUERJ.

CRESCER INSATISFAÇÃO DOS TÉCNICOS UNIVERSITÁRIOS

Categoria entra em greve, critica SINTUPERJ e avança nas reivindicações

A greve da UERJ conta com a adesão dos técnicos universitários. Desde 2024, há um forte de insatisfação da categoria após a retirada brusca dos auxílios saúde e alimentação sem nenhuma contrapartida da Reitoria da universidade. Ainda em 2024, com uma proposta do Movimento Luta de Classes (MLC), os técnicos chegaram a entrar em estado de greve e realizaram atos no entorno da UERJ. No entanto, a atual gestão do SINTUPERJ desmobilizou a base naquele momento.

Em 2025, houve um crescimento ainda maior da insatisfação da categoria, tendo em vista o calote do governador Cláudio Castro, que não pagou a recomposição salarial prometida.

Na primeira assembleia do SINTUPERJ em 2026, o MLC levantou a necessidade de entrar em estado de greve para iniciar a construção de uma movimento que desse vitórias duradouras aos trabalhadores da UERJ e que a recomposição fosse paga integralmente. Em janeiro, os mais de 80 técnicos presentes à assembleia aprovaram a proposta de entrar em estado de greve.

Na assembleia seguinte, em fevereiro, o auditório ficou lotado, com quase 200 servidores interessados na greve.

Com um movimento oportunista, no entanto, a direção do SINTUPERJ não colocou a proposta em votação. Houve indicativo de uma nova assembleia em março. Mas novamente, numa ação anti-democrática e contrária ao próprio Estatuto do SINTUPERJ, a direção encerrou a assembleia sem votar a paralisação.

Com isso, o MLC — em conjunto com o Coletivo Chama e os Servidores na Luta — encabeçou o recolhimento de 240 assinaturas (10% dos servidores sindicalizados) para forçar o sindicato a colocar em votação a entrada na greve da UERJ. Este número foi largamente superado, com mais de 1000 assinaturas de servidores. Em abril, numa assembleia lotada com mais de 200 técnicos, a greve dos técnicos universitários da UERJ foi deflagrada.

O movimento grevista já teve duas reuniões com o governador Ricardo Couto. A expectativa é de receber um aumento no auxílio alimentação e aprofundar outras pautas internas, como o retorno auxílio saúde e educação, bem como também avançar em pautas não financeiras com a própria reitoria, como a retirada dos processos de servidores e alunos perseguidos após a Ocupação de Alunos de 2024 pela retirada do "AEDA DA FOME".



NUNCA ESQUECEREMOS

1º de maio nasceu do enfrentamento e se tornou símbolo de resistência

O 1º de maio nasceu como enfrentamento. Em 1886, nas ruas de Chicago (EUA), trabalhadores se levantaram contra jornadas que chegavam a 14 horas diárias. A resposta dos patrões foi a violência: repressão, prisões e execuções. O que ficou conhecido como a tragédia de Haymarket não foi um acaso da história, mas a prova de que nenhum direito veio de concessão — tudo foi arrancado na luta.

Em 1889, a Internacional Socialista transformou a data em símbolo internacional de resistência e memória operária. No Brasil, o 1º de maio começou a ganhar corpo dois anos depois, inicialmente no Rio de Janeiro e em Porto Alegre (RS).

Ao longo do tempo, no entanto, houve uma tentativa sistemática de esvaziar seu conteúdo político. Especialmente após o golpe de 1964, o que era dia de luta virou data festiva — uma tentativa de apagar o caráter combativo do movimento sindical.

Mesmo antes, no período de Getúlio Vargas, houve uma apropriação institucional da data. O “Dia do Trabalhador” foi rebatizado como “Dia do Trabalho”, com anúncios oficiais e medidas como a CLT, num movimento que misturava avanços reais com controle sobre a organização da classe.

Foi só no fim dos anos 1970, com o Novo Sindicalismo e as greves históricas do ABC, que o 1º de maio voltou às suas raízes. Nas ruas, nas assembleias, nos enfrentamentos contra a ditadura, a classe trabalhadora retomou seus símbolos, sua voz e sua capacidade de mobilização, fazendo surgir novas lideranças e recolocando a luta no centro do debate nacional.

Diante das perdas acumuladas pelos docentes da UENF, essa trajetória deixa uma lição incontornável: direitos não são dádivas, são conquistas. E cada conquista carrega o peso da resistência de quem veio antes. Por isso, essa história de lutas não pode ser esquecida nos dias de hoje.



O marco do 1º de maio foi o enfrentamento de trabalhadores de Chicago contra jornadas diárias de até 14 horas. Em 1889, a data foi transformada em símbolo de resistência